

## Música(s) na(s) Escola(s): resistência e criação em rede

### Comunicação

*Dulcimarta Lemos Lino*  
UFRGS  
*dulcimartalino@gmail.com*

*Paula C. Emcke*  
UFRGS  
*paulinhaemcke@gmail.com*

**Resumo:** A pesquisa em andamento habita a rede pública municipal de educação infantil para fortalecer e ampliar a formação continuada de professores em educação musical. Toma a “conversa” (SKLIAR, 2011) como metodologia de pesquisa, essa palavra corpo que implica um modo de inquietar-se e indagar-se a partir da experiência de convivência coletiva e disponibilidade à escuta dos outros. Conversar juntos, crianças, pedagogos, acadêmicos e pesquisadores para aproximar percursos narrativos construídos em rede na escola pública, dentro da perspectiva fenomenológica. A pesquisa toca as feições corporais da infância na tentativa de superação do contato colonizador ao sublinhar a potência transformadora da(s) música(s) na(s) escola(s). Gesto político e pedagógico que ao colocar a música em estado de encontro produz, inventa e compartilha narrativas musicais. Ato de resistência e criação que no percurso de estudos, expõe as fragilidades de nossas democracias e de seus im (previsíveis) direitos prometidos, mas também expõe as produções musicais compostas no tempo de conversações para afirmar a vida e o cuidado com o mundo.

**Palavras-chave:** música na escola pública; educação musical na infância; música e pedagogia.

### Introdução

A pesquisa reúne e compartilha narrativas musicais artesanalmente constituídas por pedagogas dentro da escola pública de educação infantil. Habita a formação continuada de professores em educação musical para fortalecer e ampliar o percursos da música na escola.

Experiência investigativa que vem mostrando como a música interpela dimensões políticas, Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP-UFRGS), Certificado de Apresentação de Apreciação Ética, CAAE: 52921921.2.0000.5347. Bolsas de Iniciação Científica BIC/UFRGS.

epistemológicas e éticas complexas e plurais, desde a pedagogia. Desencadeado no percurso da pesquisa em andamento Música(s) na(s) escola(s): conversações em criação (LINO, 2021), o estudo têm disponibilizado tempo e espaço de viver encontros de convivência que colocam pedagogos e acadêmicos de diferentes níveis de escolaridade em roda para conversar e perseguir sentidos.

Escrevemos no título da pesquisa música(s) e escola(s) no plural para afirmar tanto o tempo como o espaço de possibilidade singular e plural **da música e da escola**. Sublinhamos que não existe uma música, nem uma escola. A música e a escola são apenas a possibilidade de manifestação de uma matriz de convivência. Existem muitas formas de aprender a conviver com a pluralidade, onde heterogeneidade é “desterritorialização e reterritorialização. (...) onde se constituem conexões, convergências e linhas de fuga, paradas num espaço liso, que vai sendo estriado em função de uma potência inventiva” (SANTOS; ARISTIDES, 2019, p.148). Criação e geração de diferença e singularidade que tem na ação lúdica, experiência processual eminentemente colaborativa. Marca que pode tocar a aula como um acontecimento que nos atravessa, nos leva a pensar e produzir aumento de potência criadora (SANTOS, 2017), porque tempo e espaço singular e plural.

Neste contexto, a pesquisa compreende que a(s) música(s) e a(s) escola(s) habitam tempos e espaços privilegiados ao “acolhimento de umas das necessidades fundamentais da dimensão humana: o brincar, criar vínculos” (KATER, 2012, p.43). Ação que exige o exercício colaborativo no mundo de construir coerências socialmente emancipatórias (FREIRE, 1991; SANTOS, 2021; KRENAK, 2019; KRENAK, 2020). A catástrofe ecológica e sanitária que passamos tem evidenciado de modo brutal o quanto a vida nesta terra tem se tornado cada vez menos respirável. Assim, entender que o centro da terra não é o humano, mas nosso *território*, todos os mundos integrados (animal, vegetal, mineral, humano), num solo singular e plural é tarefa da escola. Ao destacar que *somos música em estado de encontro*, a investigação sublinha a potência de comunalidade da educação musical na escola pública para compor a vida. Resistência de criação que esculpe fazeres enquanto uma conversa comprometida definitivamente por excesso de identificação com a outra pessoa, experiência que se constitui em coletivos colaborativos .

Assim, em rede, (re) aprendemos a pensar a compreensão da(s) música(s) na(s) escola(s), na especificidade da infância, desde o tempo presente. Exercício constante de humildade e empatia ao encontro com a voz do Outro, expondo laços de afeto que têm se arriscado a brincar com sons e compartilhar o espetáculo corporal de “imaginários encobertos” da música brasileira. Para Nóbrega (2020), tais imaginários tem conjugado com música a confraternização de duas ordens de cultura distintas. Por um lado, as músicas da classe dominante europeia, presente na igreja e na aristocracia. De outro lado, a música das fusões e sincretismos dos estoques culturais de grupos domesticados (indígenas), de grupos escravizados (africanos) e de grupos das classes subalternas portuguesas. Compreender que a resistência ao colonizador se fez com música é tarefa urgente e necessária de todo processo educativo, porque a música intitulada “brasileira” é uma “colcha de recados” (WISNIK, 2004), “memória viva do imaginário índio-luso-africano que se funde e se acasala a céu aberto: no chão batido das praças, no pátio das igrejas, nas cerimônias de cura dos batuques, nos cortejos, na coroação dos reis negros, etc” (NÓBREGA, 2020). Encontro que tem sofrido constantes opressões e epistemicídios dentro da(s) escola(s) (QUEIROZ, 2021), mas que se atualiza na potência criadora incansável de se deixar envolver na dimensão operativa da linguagem para afirmar lutas emancipatórias.

Portanto, no presente trabalho apresentaremos algumas narrativas de um *com-junto* de pedagogas em conversação, que não deixaram os regimes de verdade, as imposições civilizatórias e os modelos normatizantes da escola invadirem a música brasileira na instituição. Temos *a música em estado de encontro* como disparador de conversações em criação, aproximando um pequeno grupo de pedagogas e acadêmicos de diferentes níveis de escolaridade para provocar reflexão e prática à composição da docência com música na escola. Ação propositiva que vem tatuando a narratividade e potência de imaginar e realizar ações no contexto institucionalizado da(s) escola(s) pública(s). E isso só pode acontecer “se um ouvido abre a porta de casa” (MARTINS, 2021) e abraça coletivamente, desde a pedagogia, às feitura corporais que não separam fronteiras entre *música, criação, educação e filosofia*, mas têm tocado a intransponível dimensionalidade humana de compor *conversações*.

## Conversações em criação: uma metodologia

Dentro da concepção fenomenológica em educação de Rezende (1990), a pesquisa toma a conversa como fundamento metodológico. Nessa perspectiva, compreendemos que a intenção pedagógica só pode ser vivida como uma *experiência de encontro* como meio para pensar com o outro e como potência transformadora. Ao superar o essencialismo em todas as suas formas, a concepção fenomenológica nos põe diante de uma realidade complexa: a estrutura do próprio fenômeno. Tal experiência não pode ser reduzida a nenhuma forma de intencionalidade, mas integra todas porque compreende que há sempre mais sentido além de tudo aquilo que podemos dizer. Na dimensão pedagógica do método fenomenológico, o fenômeno aparece, “desde o princípio como uma realidade típica do mundo humano, e o símbolo como uma estrutura de estruturas, reunindo, concentrando, articulando os diversos sentidos, ou as diversas manifestações do sentido numa trama constitutiva do discurso existencial” (REZENDE, 1990, p.17).

Neste contexto, nossa metodologia não fala de um conhecimento, mas se aproxima de uma *experiência de pensamento* onde “cada aspecto do fenômeno só adquire aqui sua significação própria na medida ou enquanto se referir aos demais aspectos que compõe a estrutura do fenômeno em pauta, a tal ponto que a estrutura se modificará semanticamente quando da modificação significativa de um dos seus elementos” (REZENDE, 1990, p.10). Um mundo como horizonte inatingível, referencial histórico e cultural, sempre inacabado e inesgotável.

Logo, a pesquisa em andamento toma a conversa como metodologia investigativa porque entende que somente é possível aprender por meio da conversação. Define a conversa como “um modo legítimo de investigação, de relação social e experiência de pensamento porque implica uma forma especial de prestar atenção, de inquietar-se e indagar-se a partir da experiência, da vivência, das falas do outro (RIBEIRO; SKLIAR, 2020, p.18). Conversar para *com-viver*, essa “palavra-corpo que se desloca entre a incomodidade e a distensão, entre a procura e a desatenção, entre a respiração e a asfixia (SKLIAR, 2011, p.30). Estar juntos querendo fazer respirar a escola pública e suas hereditárias exclusões e pensar a “educação como conversação e comunidade” (SKLIAR, 2019), para provocar movimentos

transformadores nos docentes, convite à perseguição de outros modos de aprender e ensinar (RIBEIRO; SAMPAIO, 2020; RIBEIRO et al, 2018).

Para tanto, a pesquisa organiza encontros com pedagogos e acadêmicos de diferentes níveis de escolaridade durante 4 anos para desembocar *conversações em criação*. Ao colocar a conversa na roda para “estar juntos e fazer durar o mundo” (SKLIAR, 2011, p.33), temos a música em estado de encontro como linguagem expressiva e meio (ou esforço) de aproximar percursos narrativos para expor e compartilhar política, epistemológica e eticamente o direito à(s) música(s) na(s) escola(s) como partição e partilha. As conversações em criação também convocam a equipe investigadora a tomar posição, acompanhando e sustentando formas de (re) existência na escola pública.

A formação continuada em educação musical proposta na pesquisa tem como endereçamento pedagogos e acadêmicos que atuam nas primeiras etapas escolares, Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Entendemos que a infância é espaço privilegiado de lançar-se à *com-vivências* criativas no exercício do gesto poético de criação. A música nos toca, como a tocamos, dura ou suavemente. Vive em nossas reservas de entusiasmo. “Exige arriscar-nos na experiência de brincar com sons para apreender o esforço de um pensamento em ato, que não exclui a alegria e a diversão de participar do mundo, mas conjuga fronteiras” (LINO, 2020, p.18) que tem a função de provocar a curiosidade, desestabilizar certezas num dado contexto e lugar da sociedade e ensaiar práticas sempre mais aperfeiçoadas democracia.

Portanto, a pesquisa tem como *objetivo expor e compartilhar conversações em criação* entre pedagogos e acadêmicos de diferentes níveis de formação para sustentar proposições singulares com música(s) na(s) escola(s). Ações cotidianas que ensaiam a experiência do pensamento em linguagem ao tocar a potência da singularidade intransponível de superação de dogmatismos estabelecidos porque espaço privilegiado de criação. A música na escola se faz na presença, na escuta da diferença e na alteridade do ser singular-plural. Ressonância constitutiva de narrativas que se vinculam na relação resistente de *composição da docência* e podem se fortalecer e sustentar no coletivo colaborativo da própria linguagem.

A pesquisa também pretende amparar e subsidiar projetos pedagógicos com música(s) na(s) escola(s), que neguem o modelo dominante de escolarização pragmática e uniformizada

Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP-UFRGS), Certificado de Apresentação de Apreciação Ética, CAAE: 52921921.2.0000.5347. Bolsas de Iniciação Científica BIC/UFRGS.

para encontrar, nas conversações em criação, o estudo sistemático constituído à argumentação para tomar a palavra na temática da educação musical escolar, desde o sul. Coragem e liberdade de recuperar sentidos educacionais que contemplem o protagonismo negro e indígena na música e na cultura brasileira, cujo “pensamento de mundo inclua a interação constante entre o mundo físico e espiritual, partindo da noção que somos seres integrais e que não separamos o mito do logos” (FERREIRA, 2022). Nesse contexto, a pesquisa sublinha a potência de no coletivo vencer o medo de sermos nós mesmos e constituirmos redes singulares e plurais de narrativas poéticas. Dessa forma, a pesquisa tem na(s) “música(s)” criada (s) e interpretada(s) pelos próprios sujeitos da equipe investigativa tonalidade fundante de ação.

Para o desenvolvimento da pesquisa organizamos quatro eixos específicos de “**Conversações em Criação**”. Propostos como etapas da pesquisa, envolvem o exercício de tempos de escuta, reflexão e performance dos sujeitos, assim definidos:

a) Conversações em Criação I: somos música em estado de encontro. Espaço da formação continuada semanal dos sujeitos investigados em educação musical realizado dentro do território escolar (3 horas) durante os dois anos primeiros anos da investigação. Momento de convivência criativa com materialidades sonoras e alargamento de repertórios contrahegmônicos. Objetivo da formação, fazer o conjunto da equipe investigada no gesto poético de linguagem. Planejar, desenvolver e avaliar intervenções com música na escola. Coordenadora do projeto disponível à escuta e mediação de potencialização e apropriação do discurso sonoro entre os participantes.

b) Conversações em Criação II: educação musical, dimensão epistemológica. Encontros mensais (2 encontros de duas horas de duração por semestre) onde os sujeitos estudam os conceitos, princípios e bases pedagógicas fundamentais da educação musical em sua dimensão epistemológica criadora. Os encontros ocorrem na universidade junto ao grupo de pesquisa Escuta Poética e ao Programa de Extensão PIÁ e/ou nos espaços culturais parceiros.

c) Conversações em Criação III: educação musical, dimensão política e ética. Encontros mensais (2 encontros de duas horas de duração por semestre ) onde os sujeitos estudam os conceitos, princípios e fundamentos da educação musical em sua dimensão

política e ética. Encontros ocorrerão na escola, na universidade ou junto ao grupo de pesquisa Escuta Poética e o Programa de Extensão PIÁ, bem como junto aos espaços culturais parceiros.

d) Conversações em Criação IV: potencializar composições. Um encontro semestral de 8 horas de duração nos espaços culturais dos parceiros da pesquisa (Ponto de Cultura Biguá e Espaço de Criação Musical) para pensar, propor e avaliar formas de habitar o território escolar. Objetivo potencializar e fortalecer o protagonismo de percursos narrativos dos pedagogos na escola.

### **Com Posição: narrativas musicais em rede**

Ao compreender que pedagogos são importantes para a educação musical experimentada na escola (LINO, 2020), nossa investigação subsidiou o esforço de fortalecer o desejo de tornar compartilhável escutas, experimentações e criações articuladas na convivência da pesquisa. *Com Posição*, ou melhor, enfrentando o desafio de participar de distintas “Conversações em Criação” nossa investigação partiu, inicialmente, da vivência e do risco de expor narrativas musicais coletiva e colaborativamente instituídas. Espaço de resistência porque tempo do estudo continuado semanal, tempo de criar intimidade com o saber encarnado no corpo, tempo de repetir sistematicamente, tempo de expor planejamentos e práticas musicais descritas e/ou experimentadas com as crianças, tempo de se apropriar de repertórios afro-indígenas relacionados às manifestações culturais brasileiras, etc.

Longe de simples descarga de emoções, de focar expressões espontaneistas ou repetir o cancionário canônico, elaborar narrativas com música às crianças na escola exigiu dos pedagogos transfigurar modos de saber e conhecer materialidades sonoras, musicais, históricas, geopolíticas e refletir sobre as concepções da música na Pedagogia. Sem pretender explicitar uma apropriação interpretativa da musicologia colonizada que tem definido o patrimônio histórico e culturalmente reconhecido em educação musical, a pesquisa tocou a dimensão coletiva da música com liberdade e experimentação.

Tal experiência não pretendia ser a priori composição, improvisação, apreciação ou interpretação (no sentido estético do termo). Nem mesmo produção artística, antes tornou-se experiência de si, por ser inseparável de uma história corporal, do modo como cada

Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP-UFRGS), Certificado de Apresentação de Apreciação Ética, CAAE: 52921921.2.0000.5347. Bolsas de Iniciação Científica BIC/UFRGS.

pedagoga aprendera a estabelecer relações com outros corpos a partir dos ritmos singulares de cada gesto no mundo. Aqui observamos a emergência do dito de Koellreutter: “o humano como objetivo da educação musical” (BRITO, 2001). Destacamos que esse humano não nasce pronto: nos tornamos humanos no coletivo. Pedagogos, acadêmicos e alunos não nascem prontos, se tornam, se (re)escrevem, se borram, se distraem, se fixam, se calam, se encantam, e, a formação inicial e continuada em educação musical tem sido o grande palco de imprevisíveis alquimias e criações.

Logo, expor as narrativas para a(s) música(s) na(s) escola(s) investigadas envolve ter uma *posição* e *com* ela perseguir a insistência de uma materialidade sonora, o rigor que ensina o corpo a ensaiar, a expor-se no grupo, a errar com ele, a interrogar, a experimentar, a escutar. Sem impor dogmatismos epistemológicos nem aplicar métodos específicos para o desenvolvimento infantil, oportunizamos experiências com a música em estado de encontro. Abordagem sensorial que sublinhara com Hermeto Pascoal (2000) “tudo é coisa musical”; com Júlio Calvo (2018) que “todos somos músicos” e com Lino (2014) que é “proibido não tocar!”

Os endereços compartilhados abaixo apresentam Festa na Floresta e o Padlet de formação de professores. Afirmam nossas feitura corporais que resistiram ao controle geopolítico do conhecimento, da sensibilidade e da distribuição desigual de renda na formação continuada em educação musical. Aproximamos a(s) música(s) dos pedagogos, acadêmicos e gestores, permitindo-lhes interromper práticas não igualitárias e superar limitações próprias da lógica hegemônica da operação de três poderes simultâneos, “nenhum deles democrático: colonismo, patriarcado e capitalismo” (SANTOS, 2016, p.210).

“Festa na Floresta” é composição das crianças do grupo 3f com sua professora da escola pública de educação infantil (LINO; EMCKE, 2022). A canção criada na sala de aula ganhou harmonia e percussão do PIÁ (Programa de Extensão Faced/UFRGS). A partir da oficina com as crianças também sentimos a necessidade de estudar com Pamela Amaro (Açorianos de Música 2022) e Max Garcia (violonista) o samba gaúcho. Assim, Festa na Floresta visitou outra dimensão e forma dentro do mesmo gênero. Acabamos decidindo gravar as crianças ao lado de nossos mestres do samba gaúcho. O Padlet, por sua vez, apresenta a trajetória de estudo realizada pelos pedagogos durante os dois anos iniciais da formação continuada em

educação musical, bem como dos desdobramentos delineados no planejamento semanal das aulas de música que ministram às crianças durante toda a pesquisa.

**FESTA**

<https://drive.google.com/file/d/1OjKBZk3p0bbpEwhlgUCz5wkYSLzdlw5d/view?usp=sharing>

**NA**

**FLORESTA:**

**PADLET:** Barulhar formação de professores.

<https://pt-br.padlet.com/dulcimartalino/q4ugrggc6hmacxi1>

Das conclusões tomadas até o presente momento podemos afirmar que ser pedagogo e mediar atividades com música(s) na(s) escola de educação infantil implica um modo de inquietar-se e indagar-se a partir da experiência de convivência coletiva e disponibilidade à escuta dos outros. Conversar juntos em coletivos colaborativos é gesto político e pedagógico que ao colocar a música em estado de encontro produz, inventa e compartilha *Com Posição*, isto é, narrativas musicais. Ato de resistência e criação que no percurso de estudos, expõe as fragilidades de nossas democracias e de seus im (previsíveis) direitos prometidos, mas também expõe as produções musicais compostas em rede no tempo de conversações para afirmar a vida e o cuidado com o mundo.

## Referências

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Peirópolis, 2001.

CALVO, Julio Ernesto. [2015] *Vibra: Estaciones Sonoras*. Catálogo de Exposição. Buenos Aires, 2018.

FERREIRA, Dessa. *Manifesto Pindorama*. Música afro-indígena contemporânea. Vídeo. SMEC/RS, 2022.

FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

KATER, Carlos. Por que música na escola? In: JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata; MOLINA, Sérgio; TERAHATA, Adriana Miritello (Coords.) *A música na escola*. São Paulo: Alucci & Associados Comunicações, 2012. p. 42-45

Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP-UFRGS), Certificado de Apresentação de Apreciação Ética, CAAE: 52921921.2.0000.5347. Bolsas de Iniciação Científica BIC/UFRGS.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LINO, Dulcimarta Lemos. *A educação musical na formação de professores dos cursos de Graduação em Pedagogia gaúchos: escuta e criação na experiência de barulhar*. Pesquisa Concluída. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 2020. 182f.

LINO, Dulcimarta Lemos; RICHTER, Sandra Regina. Feito Partitura: palavra sonora como gesto poético de educar. *Revista Signo*, Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 45, n. 83, p. 2-17, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/14948/0>. Acesso em: 8 nov. 2020.

LINO, Dulcimarta Lemos; EMCKE, Paula C. *Festa na Floresta*. Fonograma, 2022. Transcendental studio.

LINO, Dulcimarta Lemos; EMCKE, Paula C; CORTINAZ, Tais da Luz. *Barulhar: formação de professores em Educação Musical*. Padlet, 2022.

PASCOAL, Hermeto. *Calendário do som*. São Paulo: SENAC-Itaú Central, 2000.

MARTINS, Altari. A prosa do Mundo: Lugar de Poesia. *Jornal Correio do Povo*: Porto Alegre, Caderno de Sábado, 24 abril de 2021. p. 6. Inédito.

NANCY, Jean-Luc. *Que significa partir?* Buenos Aires: Capital Intelectual, 2016.

QUEIROZ, Luís Ricardo. Convergências, práxis e interações decoloniais em etnomusicologia e educação musical. Palestra realizada no dia 10 de março de 2021 dentro do ciclo de debates "Diálogos entre Etnomusicologia e Educação Musical" promovido pelas professoras Helena Lopes (PPGMUS-UFMG) e Lúcia Campos (PPGARTES-UEMG). Disponível em: <https://www.luisricardoqueiroz.com/> Acesso em 3 jul. 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A difícil democracia: reinventar as esquerdas*. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

SANTOS, Regina Márcia. Koellreutter: memorias de uma estudante y educadora musical. In: *FLADEM - Foro Latinoamericano de Educación Musical*. (Org.). Pensamiento pedagógico musical latinoamericano Hans-Joachim Koellreutter - Brasil. 1ed.Guadalajara: Euterpe - Fladem, 2017, v. 1, p. 17-27. [https://docs.google.com/document/d/OB0ip\\_OERVMzWbHZrTEJ4YjFPa1U/edit](https://docs.google.com/document/d/OB0ip_OERVMzWbHZrTEJ4YjFPa1U/edit)

SANTOS, Regina Márcia; ARISTIDES, M. A aprendizagem inventiva na educação musical: jogo, cartografia e trabalho colaborativo. In: NASCIMENTO, M. T; STERVINO, A (orgs). *Música e*

Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP-UFRGS), Certificado de Apresentação de Apreciação Ética, CAAE: 52921921.2.0000.5347. Bolsas de Iniciação Científica BIC/UFRGS.

*colaboração*: perspectivas para a Educação Musical. Sobral: Sobral Gráfica e Editora, 2019. p. 127-154

[https://www.academia.edu/40550089/A\\_aprendizagem\\_inventiva\\_na\\_educacao\\_musical\\_jogo\\_cartografia\\_e\\_trabalho\\_colaborativo](https://www.academia.edu/40550089/A_aprendizagem_inventiva_na_educacao_musical_jogo_cartografia_e_trabalho_colaborativo)

SANTOS, Regina Márcia. Sobre o “Se” e o “Então”: a pedagogia do contágio, do afeto, do encontro. *III Seminário Estudos Poéticos: Webnário IV*. 25 de maio de 2021 (dezembro de 2020 à outubro 2021). Coord: Grupo de pesquisa Escuta Poética (FACED/UFRGS) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Zj765FNn18>. Acesso em 2 jun. 2021.

SKLIAR, Carlos. Conversar e conviver com os desconhecidos. In: FONTOURA; Helena Amaral. *Políticas Públicas, Movimentos Sociais: desafios à pós-graduação em educação em suas múltiplas dimensões*. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011. p.27-37.

REZENDE, Antonio Muniz de. *Concepção fenomenológica da Educação*. São Paulo: Cortez, 1990. (Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 38).

RIBEIRO, Tiago; SAMPAIO, Carmen. Conversa, partilha e formação docente: o fórum de alfabetização, leitura e escrita. *Revista FAEEBA*. Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 29, n. 57, p. 203-218, jan./mar.,2020.

RIBEIRO, Tiago; SKLIAR, Carlos. Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil. *Série-Estudos*, Campo Grande, MS, v. 25, n. 55, p. 13-30, set./dez., 2020.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; GUEDES, Adrienne. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 30, maio-ago. 2018, pp. 261-276

WISNIK, José Miguel. *Sem receita: ensaios e canções*. São Paulo: Publifolha, 2004.